

SETOR FLORESTAL BRASILEIRO CRESCE E MANTÉM-SE ATRAENTE PARA INVESTIMENTOS

A conjuntura deste mês de julho de 2010, do Centro de Inteligência em Florestas, além de trazer os acontecimentos recentes para os principais segmentos florestais, destaca o que vem ocorrendo no setor florestal brasileiro: a sua forte atratividade para os investimentos florestais.

Apesar de uma série de restrições impostas por gargalos históricos nas estruturas tributária, trabalhista e previdenciária, o país, em decorrência do crescimento do consumo interno e da estabilidade econômica, tem se tornado atraente para os investidores de todo mundo, principalmente dos chineses que devem se tornar os maiores investidores estrangeiros no Brasil este ano. Estima-se que estes deverão investir no país, em 2010, cerca de 10 bilhões de dólares. Grande parte desses investimentos irão se concentrar nos setores de energia, petróleo, mineração, alimentação, e infra-estrutura, com reflexos em demandas de produtos do setor florestal, como de papel, celulose e carvão, dentre outros.

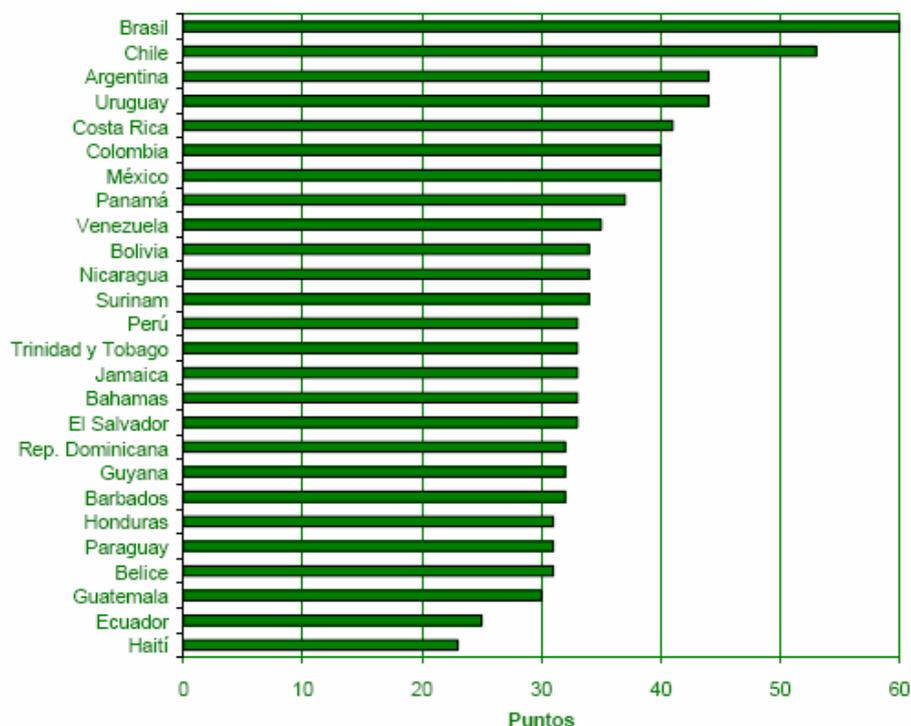
A globalização tem criado novas oportunidades de negócio e novas pressões competitivas para os produtores e empresários florestais, exigindo, portanto, uma nova abordagem e avaliação dos fatores que afetam a competitividade e a atração dos investimentos e negócios em florestas. Todo investimento tem que ser acompanhado de medidas estratégicas que garantam sua viabilidade econômica, financeira, técnica, ambiental e social.

Quais são e como se mede os fatores e o “clima” dos negócios que mais afetam o êxito dos investimentos sustentáveis no setor florestal? Quais são os países com as melhores e piores condições para o êxito destes negócios? Como traçar estratégias e planos de ação que melhorem o “clima” dos negócios? Estas foram as perguntas que levaram José Rente Nascimento e Ivan Tomaselli (2005) a desenvolver e preparar um documento para o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Nesse documento, foi apresentada metodologia e resultados do Índice de Atração ao Investimento Florestal (IAIF) dos países. O IAIF permite comparar o desempenho dos países num mesmo ano, e a evolução de um país ao longo do tempo; permite ajudar os investidores a pré-identificar os países com maiores probabilidades de que os investimentos diretos nos negócios florestais sustentáveis tenham êxitos; e, mostrar para os países os fatores supra-setoriais (PIB, inflação, taxa de juros e de câmbio, tributação e incentivos,

estabilidade política etc.), os fatores inter-setoriais (infra-estrutura de transporte, comunicação, energia, água, saneamento, educação, saúde etc.) e intra-setoriais que afetam o “clima” de negócios para os investimentos florestais. Inicialmente, o IAIF foi calculado para 2002 (Figura 1), sendo, posteriormente, atualizado para os anos de 2004 e 2006 (disponível em: www.iadb.org/homeid).

Brasil e Chile destacam-se entre os primeiros classificados no IAIF, posteriormente, surgem Argentina e Uruguai. Os menores índices foram obtidos pelo Equador e Haiti.



Fonte: Extraído de Nascimento e Tomaselli (2005).

Figura 1 - Índice de Atração ao Investimento Florestal (IAIF) para países atendidos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (2002).

Para saber a evolução do “clima” de negócios dos países, o IAIF foi novamente calculado para o ano de 2004 e 2006. No que se refere às posições relativas, não houve alterações nos quatro primeiros lugares: Brasil, Chile, Argentina e Uruguai. Cabe ressaltar, no entanto, que Brasil e Chile não apresentaram variação do IAIF no período.

Devido o potencial do seu mercado interno e sua população, o Brasil se destaca como o principal país no cone do sul, mas com relação ao PIB per capita (US\$ 8.800) é o segundo menor. Com relação ao potencial florestal, o Brasil tem uma disponibilidade de terras com

vocação florestal (3.927.000 Km²) quase dez vezes maior que a Argentina, país classificado em segundo lugar no cone do sul.

Segmento de celulose e papel

A partir de janeiro de 2010, os preços da celulose e do papel apresentaram-se crescentes no Brasil e no exterior. Nos Estados Unidos, Europa e São Paulo, o aumento no preço da celulose de fibra curta foi, em média, 4,5%, 7,3% e 4,8% ao mês, respectivamente, de janeiro a maio de 2010. O preço do papel A4 e do papel de embalagem na Europa aumentou, em média, 0,4% e 3,3% ao mês, respectivamente, e o preço do papel revestido para impressão reduziu 1%. Em São Paulo, o preço médio do papel A4 aumentou 0,1% ao mês e o preço médio do papel com gramatura igual ou superior a 70 g/m² reduziu 0,3% ao mês (Quadro 1).

Quadro 1 – Preço da celulose e do papel, janeiro a maio de 2010.

Período (mês)	Preço da celulose de fibra curta (US\$/ton.)			Preço do Papel na Europa (US\$/ton.)			Preço do papel em SP (R\$/ton.)	
	USA	Europa	SP	Papel A4	Papel de Embalagem	Papel Revestido para impressão	Papel A4	Papel com gramatura igual ou superior a 70 g/m ²
Jan./2010	727,67	514,8	720	772,92	423,1	653,27	3.434,27	3.437,47
Fev./2010	745,93	545,17	750	772,4	433,82	643,73	3.434,27	3.437,47
Mar./2010	780,23	575,3	754	767,46	442,75	630,53	3395,22	3589,64
Abr./2010	827,35	616,35	790	773,43	455,31	626,97	3395,22	3589,64
Mai./2010	868,13	681,04	866,67	784,6	480,8	627,87	3395,22	2.942,86

Fonte: CEPEA (2010); FOEX (2010).

O aumento dos preços, que pode ser explicado pelo terremoto no Chile e pela melhoria do cenário econômico na América Latina e Ásia. Estes fatores aliados às vantagens comparativas que o Brasil possui para a atividade florestal estão influenciando a retomada dos investimentos nesse segmento. O Brasil deve ganhar dez novas fábricas de celulose e papel até meados de 2020.

Está previsto para o segundo semestre de 2012 o término da construção da nova fábrica de celulose da Eldorado Brasil, em Três Lagoas (MS), com orçamento de cerca de US\$ 2 bilhões. Esta fábrica utilizará uma só linha de produção, com capacidade para 1,5 milhão ton./ano e contará com tecnologia de ponta.

Outro projeto do segmento é a expansão da Suzano Papel e Celulose. Com capacidade de produção total de 1,3 milhões de ton./ano, o projeto está em fase de engenharia básica e deve contemplar uma unidade no Maranhão e outra no Piauí. Este projeto prevê aproveitamento de terras degradadas e logística da ferrovia de Carajás e do Porto de Itaqui. A previsão é que a primeira planta, no Maranhão, entre em operação em 2013, e a segunda, no Piauí, em 2014.

Em 2011, a Celulose Irani consolida investimentos de R\$ 109,2 milhões realizados nos últimos três anos nas fábricas de papel, em Vargem Bonita (SC), e de embalagem, em Vargem Bonita (SC) e Indaiatuba (SP).

Esses novos investimentos devem gerar mais de dois mil empregos diretos e cerca de dez mil empregos indiretos no pico das obras.

Segmento de produtos florestais não madeireiros

No período de janeiro a maio de 2010, os preços dos produtos florestais não madeireiros foram crescentes, com exceção do preço do palmito em São Paulo e da borracha natural na Malásia que reduziram 3,24% e 0,64%, respectivamente. Contudo, quando se analisa os preços do palmito no Espírito Santo e em São Paulo, simultaneamente, observa-se um acréscimo de 11,64% (Quadro 2).

Quadro 2 – Preço de produtos florestais não-madeireiros, janeiro a maio de 2010.

Período (mês)	Borracha natural			Cupuaçu	Palmito	
	SP (R\$/kg)	Malásia (US\$/Kg)	Cingapura (US\$/Kg)	PA (R\$/Kg)	ES (R\$/kg)	SP (R\$/lata de 300 g)
		SMR 10	RSS 3			
Jan./2010	1,87	2,98	3,09	26,50	0,65	11,04
Fev./2010	2,23	2,99	3,13	20,00	0,56	11,37
Mar./2010	2,50	3,16	3,34	20,00	1,28	9,27
Abr./2010	2,69	3,30	3,96	26,00	-	9,01
Mai./2010	2,76	2,87	3,67	-	0,83	9,49
% de cresc. ou redução dos preços	10,39	-0,64	4,79	1,82	26,52	-3,24

Fonte: APABOR, SICOM, MRE, CEASA/ES, IEA/SP e CEASA/PA.

O crescimento da demanda impulsionou os preços dos produtos florestais não madeireiros no Brasil nos primeiros meses desse ano.

Na Malásia ocorreu uma pequena redução dos preços da borracha natural devido ao movimento de queda dos preços do petróleo e aos sinais de fragilidade da economia

mundial, que motivaram os especuladores em futuros de borracha a liquidar seus contratos, influenciando o mercado físico para baixo em maio, mesmo diante da oferta firme e da demanda constante dos fabricantes de pneus e de países como a China. A movimentação dos especuladores pode ser notada na série de preços da bolsa de Cingapura, uma das principais bolsas de contratos futuros do mundo.

No Brasil, novos investimentos estão sendo realizados na indústria de pneus, maior consumidora da borracha natural, o que aumentará ainda mais a demanda pelo produto.

No período de 2008 a 2013, a fabricante americana de pneus Goodyear, por exemplo, prevê investir US\$ 200 milhões no Brasil na ampliação da capacidade produtiva de suas fábricas localizadas em Americana (SP) e na capital paulista, como forma de atender à forte demanda por pneus, motivada pelo crescimento da frota brasileira.

A Michelin, fabricante francesa de pneus, vai investir € 1,1 bilhão em suas operações globais este ano, cerca de 60% a mais do que em 2009. Os recursos serão direcionados para aumentar a competitividade das fábricas na Europa e nos Estados Unidos, e para expandir a capacidade instalada em países como o Brasil, China e Índia. A Michelin já anunciou novos projetos de construção de fábricas no Brasil (pneus de passeio e de carga), na Índia (carga) e na China (carga e caminhonete). A estratégia é garantir nesses mercados capacidade suficiente para atender a demanda crescente.

Atenta aos prognósticos positivos para a indústria automobilística brasileira, que deve registrar recorde de produção neste ano de 2010, a Pirelli está acelerando os investimentos em expansão no país, para acompanhar o crescimento potencial na demanda por pneus. Ao longo deste ano, o grupo italiano vai ampliar a capacidade em duas das cinco fábricas que opera no Brasil.

Aliado às condições edafoclimáticas favoráveis à heveicultura, tecnologia de produção avançada e disponibilidade de áreas para o cultivo, esses investimentos podem impulsionar a produção nacional de borracha natural, desde que seja maior a oferta de linhas de financiamento de investimento e de custeio adequadas à cultura. Novidades neste sentido já são vistas em 2010. O Banco do Brasil lançou em abril uma linha de financiamento com condições específicas para o plantio de seringueira no Estado de São Paulo. Em junho, foi a vez do Banco do Brasil do Espírito Santo, fazendo deste o segundo Estado a destinar recursos diretamente para a cultura da seringueira. Apesar de ser ainda tímida, a expectativa é de que a oferta de recursos diretos para a implantação de seringais aumente a partir deste ano. Paralelamente, também é necessária a capacitação de mão de obra visando a elevação da oferta de trabalhadores para atender a demanda que está por vir. Caso contrário, as

importações brasileiras do produto aumentarão ainda mais nos próximos anos, conforme observou Heiko Rossmann, diretor da APABOR.

Com relação ao palmito, o Brasil é um grande produtor e consumidor mundial, em um mercado que movimentava anualmente cerca de R\$1,5 bilhão. Com esse mercado em franca expansão, empresas do setor investem para aumentar a produção, como exemplo, a Palmito Floresta, que atualmente conta com uma capacidade para produzir quatro toneladas de palmito por dia em sua unidade de Juquiá (SP), no Vale do Ribeira, mas está estruturada para dobrar de tamanho nos próximos anos e com a expectativa de elevar em 10% as vendas de 2010.

Segmento de madeira processada

Para o segmento de madeira processada, o ambiente econômico atual é favorável aos investimentos. As empresas têm aumentado a produção, anunciado novos investimentos e realizado fusões. A demanda do segmento está aquecida, e os preços, em geral, estão em alta. Para se ter idéia, no primeiro trimestre desse ano, as vendas de painéis Arauco totalizaram US\$ 235 milhões, um aumento de 44% frente aos US\$ 175,1 milhões alcançados no mesmo período do ano passado. O crescimento deveu-se principalmente ao volume de vendas (40,2%) gerado pela aquisição da Tafisa Brasil pela ARAUCO, e ao aumento nos preços de 3%.

A Eucatex investe na construção de sua terceira fábrica de painéis de madeira no interior de São Paulo. O investimento para as obras é de cerca de R\$ 240 milhões. Atualmente a empresa produz 670 mil m³ de painéis e pretende com a nova unidade produzir mais 280 mil m³ de painéis de média e alta densidade, utilizados, principalmente, nas indústrias da construção civil e moveleira, indústrias de grandes projeções de demanda para os próximos anos.

A Duratex, empresa controlada pela Itaúsa e que se fundiu à Satipel no ano passado, reajustou em 10% os preços dos painéis de madeira a partir de maio deste ano, diante da manutenção da demanda aquecida, principalmente no mercado doméstico. Em janeiro, a companhia já havia anunciado alta de 7%. "Mas os preços ainda estão entre 3% e 5% abaixo daqueles que estavam em vigor em 2008, uma vez que ocorreram muitos descontos no ano passado", afirmou o diretor de Relações com Investidores da empresa, Flávio Donatelli. A fusão da Duratex e a Satipel proporcionou uma receita anual da ordem de R\$ 3 bilhões e formou a maior indústria de painéis do hemisfério sul e a oitava do mundo. Tudo isso ocorre, no momento em que se espera um *boom* da construção civil no país. A Duratex,

por sua vez, prevê investimentos de R\$ 420 milhões ao longo deste ano, 65% dos quais destinados à área de painéis de madeira, com a previsão de que três novas linhas de produção estarão em plena operação até dezembro.

Em junho, os preços da madeira serrada na Zona da Mata mineira apresentaram variações mistas. A madeira serrada de eucalipto permaneceu estável, em torno de R\$ 700,00/m³, a de pinus teve uma queda de 9%, caindo para R\$ 414,00 e as madeiras de essências nativas (jatobá e sucupira) tiveram uma alta de 9 %, subindo para R\$ 1.914,00 e R\$ 1.800,00/m³, respectivamente.

Segmento de carvão vegetal

O mercado de carvão vegetal depende diretamente do desempenho do setor siderúrgico. Mais da metade do carvão produzido no país destina-se a alimentar os altos fornos para a produção de ferro gusa. Atualmente, o mercado de ferro ou aço brasileiro mostra-se em franca expansão tanto para o atendimento do mercado interno quanto para o mercado externo. A produção brasileira de aço bruto gira em torno de 34 milhões de toneladas, o que situa o Brasil em nono lugar no ranking dos maiores produtores mundiais. A expansão atual dos investimentos em decorrência do crescimento industrial, principalmente no setor siderúrgico, e de outros setores previstos para 2010 e nos anos vindouros tem trazido para o setor de produção de florestas plantadas e carvão vegetal expectativas de bons negócios.

A produção de ferro gusa em maio deste ano foi de 2,58 milhões de toneladas, representando um aumento de 53,5% em relação a maio de 2009, destacando o crescimento deste mercado, que está propício para novos investimentos. Assim, os investimentos no setor florestal estão se concentrando na expansão do plantio de novas florestas, principalmente de eucalipto por parte de várias empresas.

A Vale, por exemplo, está finalizando investimentos em novas siderúrgicas nos estados do Rio de Janeiro, do Pará, do Ceará e do Espírito Santo, que demandará novos plantios de florestas.

O Grupo Votorantim está ampliando plantio de novas florestas para abastecer suas siderúrgicas em Resende e Barra Mansa no Estado do Rio de Janeiro.

A Vallourec & Sumitomo Tubos do Brasil, está plantando eucalipto para atender sua fábrica de aço, prevista para ser inaugurada este ano em decorrência da implantação do pré-sal.

As empresas chinesas, Whuan Iron & Steel e Honbridge devem investir perto de 4 bilhões de dólares, em 2010, no setor siderúrgico, o que irá demandar grandes investimentos no setor florestal.

A Arcelor Mittal está buscando no carvão vegetal a saída para a redução da importação do coque, matéria-prima utilizada na fundição de metais. Já existem investimentos para a substituição do coque metalúrgico pelo carvão vegetal, com o objetivo de reduzir custos e eliminar a dependência do produto importado.

Outro fator relevante para investimentos na produção de carvão vegetal é o seu preço, que atualmente em Belo Horizonte e Sete Lagoas são R\$ 122,50 e R\$ 125,00/mdc, respectivamente. Em junho de 2009, esses mesmos preços eram de R\$75,00 e R\$80,00/mdc, respectivamente.

Sendo assim, de acordo com todas essas considerações, tem-se a convicção de que o Brasil manterá seu parque siderúrgico a carvão vegetal, além de outros segmentos consumidores desse produto, em expressiva e crescente atividade, evidenciando a certeza de que este segmento suporta e tem a capacidade de atrair novos investimentos.

Segmento de móveis

A conjuntura atual do setor moveleiro, neste mês de julho de 2010, apresenta-se bastante favorável decorrente de uma demanda aquecida e uma oferta re-estruturada e renovada, dado um ambiente econômico mais propício para o afloramento de novos investimentos que o setor foi capaz de incorporar.

Esse otimismo deve-se a vários fatores atuando no mercado, tanto do lado da demanda de móveis quanto do lado da oferta. Do lado da demanda, tem se percebido um forte crescimento do número de consumidores em virtude da recuperação econômica interna e externa, também em virtude do crescimento e expansão do mercado interno pela incorporação de novos consumidores nas chamadas classe C e D favorecidas por programas sociais, pelo aumento do emprego e da renda no país. Do lado da oferta, a isenção do IPI, em 2009 e que prevaleceu até o início de 2010 foi um fator crucial para redução do custo de produção, que refletiu no aumento de investimentos do setor em novos maquinários e em matérias-primas importantes. Desse modo, o setor, em todos os principais pólos moveleiros do país, pôde não apenas suportar a queda temporária de demanda durante o ano de 2009, mas, ao mesmo tempo, foi estimulado a uma retomada de investimentos para expansão da produção, e mais importante ainda, para modernização, remodelação e adequação dos

móveis, através de inovações, design e participação em feiras nacionais e internacionais. Como exemplo a Madelar, de Belo Jardim, investirá R\$ 5,7 milhões na implantação de uma unidade para prensagem de painéis de MDF, visando a expansão e a redução de custos no seu processo produtivo.

Obviamente, que a própria retomada da demanda externa e interna também deu ânimo ao setor que, no dizer do Presidente da Abimóvel, José Luiz Diaz Fernandez. “é a nona indústria em geração de empregos no país”, onde dezessete mil empresas atuam fazendo parte de um setor que integra micro e pequenas empresas, na sua maioria, e que gera 237 mil empregos diretos e cerca de 150 mil indiretos.

Equipe do Centro de Inteligência em Florestas

Naisy Silva Soares - Economista, MS. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende - Eng. Agrônomo, MS. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva - Eng. Florestal, DS. Ciência Florestal

Sidney Araujo Cordeiro – Eng. Florestal, MS. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura - Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

*Permitida a reprodução desde que citada a fonte.